



O DIÁLOGO COMO METODOLOGIA FILOSÓFICA PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

Francisca Evanice Mourão Lima de Sousa¹

Dialogue as a philosophical methodology for teaching philosophy

Resumo:

Objetivando verificar o desenvolvimento de uma metodologia filosófica dialógica para o ensino de filosofia, a ideia de ensino e aprendizagem através de uma metodologia dialógica é destacada como presente desde a antiguidade. Sócrates, que nada escreveu, pautou sua vida na prática dialógica e é retomado nesse artigo como grande referencial, pois sua filosofia é o reconhecimento da atitude dialógica como um movimento inovador e contra hegemônico, na medida em que viabiliza um espaço para construção de conhecimento ao invés de impor concepções pré-estabelecidas. Ao propor a investigação crítica do papel do diálogo como metodologia filosófica para o ensino de filosofia, buscamos exatamente as bases e conceitos de diálogo que a própria filosofia consolidou, mostrando-se, portanto, uma ferramenta segura de conhecimento em conexão com as demandas sociais. De acordo com isso, entendemos que ele, ao ser desenvolvido objetivamente como ferramenta, pode compor uma metodologia de ensino de filosofia específica para educação básica, resultando na viabilização de um produto educacional que transforma a prática do ensino de filosofia e a relação desse ensino com os alunos. A proposta de um ensino dialógico encontra seu lugar na prática ao desenvolvermos com os alunos, na escola, atividades dinâmicas e interativas na perspectiva crítico-reflexiva que suscite o diálogo e, assim, produzir uma proposta metodológica que vem passando tanto por pesquisa teórica aprofundada quanto por experimentação em sala de aula. Desenvolver a análise segundo esses termos não é só inovador, quanto também é necessário para munir os professores de filosofia com metodologias embebidas em conceitos filosóficos.

Palavras-chave: Diálogo. Metodologia. Ensino. Filosofia.

Abstract:

Aiming to verify the development of a dialogic philosophical methodology for teaching philosophy, the idea of teaching and learning through a dialogic methodology is highlighted as present since antiquity. Socrates, who wrote nothing, based his life on dialogic practice, and is taken up in this article as a great reference, because his philosophy is the recognition of the dialogic attitude as an innovative and counter-hegemonic movement, insofar as it enables a space for the construction of knowledge, instead of imposing pre-established concepts. By proposing a critical investigation of the role of dialogue as a philosophical methodology for teaching philosophy, we seek exactly the bases and concepts of dialogue that philosophy itself has consolidated, thus proving to be a safe tool of knowledge in connection with social demands. Accordingly, we understand that, by being objectively developed as a tool, it can compose a specific philosophy teaching methodology for basic education, resulting in the feasibility of an educational product that transforms the practice of teaching philosophy and the relationship of this teaching with the students. The proposal of a dialogical teaching finds its place in practice when we develop dynamic and interactive activities with students at school in a critical reflective perspective that encourages dialogue, and thus produce a methodological proposal that has been undergoing both in-depth theoretical research and classroom experimentation. of class. Developing analysis in these terms is not only innovative, it is also necessary to provide philosophy teachers with methodologies embedded in philosophical concepts.

Keywords: Dialogue. Methodology. Teaching. Philosophy.

1. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (Profissional) - PROF-FILO/UFC. Professora de Filosofia na rede de educação básica do estado do Ceará - SEDUC-CE. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0568-067X>

1. INTRODUÇÃO

A ideia de ensino e aprendizagem através de uma metodologia dialógica faz-se presente desde a antiguidade. Seja na filosofia ou em outras áreas de conhecimento, o diálogo e a conversa instigante entre interlocutores veio se consolidando como ferramenta importante para o desenvolvimento de argumentos lógicos e refinamento do uso da razão. Sócrates, que nada escreveu, pautou sua vida na prática dialógica, e é retomado nesse artigo como grande referencial, pois sua filosofia é o reconhecimento da atitude dialógica como um movimento inovador e sobretudo contra hegemônico, na medida em que viabiliza um espaço para construção de conhecimento ao invés de impor conceitos e concepções pré-estabelecidos.

O professor, ao aplicar uma metodologia do diálogo, poderá conceber o aluno como aquele que produz o próprio conhecimento através do colóquio com o outro, tal como Sócrates o fazia, e o estudante poderá assim consolidar seu saber de forma efetiva e autêntica cognitivamente. Tal processo promove uma aprendizagem para a vida, uma prática que só acontece no convite à abertura para o outro, um aprendizado que pode ultrapassar a sala de aula à medida em que o estudante consolida o diálogo como uma forma de conviver com a diversidade.

A pedagogia interativa na qual pensamos é fundada na influência mútua que resiste como uma via de mão dupla, onde há verbalização, escuta, entendimento, réplicas e tréplicas entre os próprios alunos e entre estes e o professor, que procura exatamente renunciar a uma postura sapiencial daquele docente que domina o conhecimento e o espaço de poder. O que a dialógica busca é um professor como o facilitador e mediador das discussões e debates que podem acontecer na presença dos estudantes, um educador que escuta, acolhe e orienta a fala dos alunos, tornando possível, o espaço da sala de aula, um ambiente seguro de discussão, em que os estudantes são encorajados a expor o que pensam e, assim, o professor pode conduzir a discussão para desenvolver os temas estudados, de modo a impactar a vida deles de modo significativo.

Reconhecemos que os esforços para conseguir implementar uma educação transformadora e o ensino de filosofia ao longo dos últimos anos são inúmeros, como apresentaremos ao longo desse texto, mas sofrem diretamente o impacto de um ensino de Filosofia no

Brasil, que foi influenciado pelos acontecimentos que marcaram a história do país e determinaram os rumos a serem seguidos pela educação, através de normativas como a Lei nº 4.024 de 1961, a partir da qual o ensino da Filosofia deixou de ser obrigatório no Ensino Médio. Posteriormente, no apogeu da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), o ensino de Filosofia foi excluído do currículo, através da Lei nº 5.692 de 1971. Este fato marcou de modo negativo o desenvolvimento da Filosofia como disciplina, devido ao intervalo instaurado na sua prática, configurando um entrave na sua efetivação na educação básica. O ensino de Filosofia passou por muitas mudanças, sendo previsto como disciplina obrigatória do ensino médio somente a partir do ano de 2008, através da Lei nº 11.684/08. O resultado desse percurso é notório até hoje.

O resultado de todo esse processo histórico é que entre nós se desenvolveu muito pouco o campo de estudo e pesquisa em torno de uma didática da filosofia. À diferença de países como França, Itália, Portugal, Uruguai e Argentina, por exemplo, no Brasil temos pouquíssimas pesquisas, produção quase nula e nenhuma tradição nesse campo. A formação do professor de filosofia, quando se dá, acontece por esforço e mérito de professores universitários de disciplinas como "metodologia do ensino de filosofia" e/ou "prática de ensino em filosofia/estágio supervisionado", isolados nas instituições em que atuam. Ou então acabam ficando a cargo do próprio licenciando, que, quando se vê em sala de aula, age intuitivamente, tendendo a buscar como modelos a serem imitados e modelos a serem recusados seus próprios professores, sua própria experiência de ensino universitário. O problema é que o ensino da filosofia na educação média tem suas especificidades e não pode ser simplesmente a transposição do ensino universitário simplificado e/ou diminuído. (GALLO, 2009, sem página.)

Tal contexto apresentado de forma breve, junto de muitos anos de experiência enquanto docente de filosofia na rede básica, fez perceber recorrentes problemas na educação, em muitos casos temos um ensino de filosofia conservador, bancário, tradicional, que não leva em consideração as perspectivas e saberes trazidos pelos alunos. Além disso, casos de educadores que não compreendem a situação estrutural e simbólica dos estudantes e sua própria condição de opressão dentro do sistema educativo, faz com que haja pouca ou nenhuma identificação do jovem estudante do ensino médio com a filosofia que lhe é apresentada. É nesse sentido que pensamos ser necessárias estratégias metodológicas críticas para vencer desafios que se

apresentam cotidianamente na escola, e a filosofia pode contribuir em demasia. O diálogo deve ser também uma proposta metodológica que visa aproximar o estudante do conhecimento e assim atender uma demanda social de compreensão da realidade.

Ao propor a investigação crítica do papel do diálogo como metodologia de ensino de filosofia, buscamos exatamente as bases e conceitos de diálogo que a própria filosofia consolidou, mostrando-se, portanto, uma ferramenta segura de conhecimento em conexão com as demandas sociais. De acordo com isso, entendemos que ele, ao ser desenvolvido objetivamente como ferramenta, pode compor uma metodologia de ensino de filosofia específica para educação básica, resultando na viabilização em um produto educacional que transforma a prática do ensino de filosofia e a relação desse ensino com os alunos.

A delimitação da pesquisa se dá ao manter a sua fundamentação em autores da filosofia, especialmente Sócrates (470 a.C.-399 a.C.), Platão (428 a.C.-347 a.C.) e Paulo Freire (1921-1997), e, assim, apesar de constante diálogo com a área da metodologia em educação, desenvolver uma proposta com base em conceitos filosóficos que garantem um estudo viável, pois encontrará seu lugar de experiência na escola. Assim, os resultados darão suporte à produção de um material orientador do procedimento dialógico que sobrevém como um produto educacional da pesquisa, e tem a finalidade de ser ofertado à comunidade filosófica.

A proposta de um ensino dialógico encontra seu lugar na prática ao desenvolvermos com os alunos, na escola, atividades dinâmicas e interativas na perspectiva crítico-reflexiva que suscite o diálogo, e assim produzir uma proposta metodológica que vem passando tanto por pesquisa teórica aprofundada quanto por experimentação em sala de aula. Desenvolver a análise segundo esses termos não é só inovador, quanto também é necessário para munir os professores de filosofia com metodologias embebidas em conceitos filosóficos. A filosofia, assim como as demais ciências, tem suas especificidades que se fazem necessárias ao ensino, afinal como ressalta Silvio Gallo e Walter Kohan (2000, p. 11) "A própria prática da filosofia leva consigo o seu produto e não é possível fazer filosofia sem filosofar, nem filosofar sem fazer filosofia". Desse modo, considerando a afinidade da prática dialógica com o ensino de filosofia, que pressupõe o filosofar, compreendemos o diálogo como movimento de ensino

e aprendizagem. Por isso, a relevância dos estudos em torno dos desafios inerentes a esta abordagem sob a perspectiva dialógica.

A partir desta perspectiva, é preciso ensinar aos estudantes não apenas filosofia, mas também a necessidade da filosofia, bem como de outras ciências para a significação da vida. Todavia, percebemos a problemática de que, no atual contexto do ensino de filosofia no Ensino Médio, os professores, em sua maioria, não possuem formação acadêmica na referida área de conhecimento filosófico e, por isso, uma grande quantidade de alunos situam-se longe da compreensão e linguagem filosóficas, o que, por sua vez, inviabiliza uma aprendizagem prazerosa sobre os conhecimentos filosóficos. (FERREIRA, 2017, p. 70)

Para pôr em prática o ensino e a aprendizagem dialógica em sala de aula é necessário entender os desafios que vêm desde a formação do professor, até o fato de que é preciso preservar e desenvolver valores caracterizados pelos aspectos essencialmente humanísticos. De acordo com Ferreira e pensando também na pedagogia de Paulo Freire, entendemos o princípio de igualdade como essencial para o desenvolvimento de um diálogo. Assim, a preservação e valorização das virtudes e direitos humanos viabilizam o reconhecimento entre professor e estudante, favorecendo a instauração de um âmbito igualitário com consequências excelentes para a vida como um todo. Neste âmbito, destacamos a contribuição do diálogo, partindo do pressuposto enfatizado por Martin Buber:

A vida humana toca com o Absoluto graças ao caráter dialógico, pois a despeito de sua singularidade, o homem [...] nunca pode encontrar um ser que descansa de todo em si mesmo, pois deste modo ele se passaria pelo Absoluto; o homem não pode fazer-se inteiramente homem mediante sua relação consigo mesmo, somente graças à sua relação com o outro." (1985, p. 93)

O diálogo enquanto metodologia de ensino e aprendizagem de filosofia é eficiente exatamente à medida em que suscita a socialização e construção do conhecimento, afinal, assevera Silvio Gallo "nunca se aprende fazendo como alguém, mas fazendo com alguém, que não tem relação com o que se aprende" (GALLO, 2014, p. 87). Essa interação dialógica entre as pessoas pressupõe a prática do ensino e o que lhe torna significativo para aqueles que estão envolvidos no processo. A dialógica, enquanto forma de ensino e aprendizagem, fortalece a capacidade crítica e o

desenvolvimento de olhar seletivo em face às demandas sociais no contexto neoliberal, pressupondo uma formação educacional, sobretudo humana, no que se refere aos aspectos destacados por Buber:

A educação digna desse nome é essencialmente educação de caráter, pois o bom educador não só leva em conta as funções isoladas de seu aluno, como quem procura conferir-lhe unicamente determinados conhecimentos ou habilidades, mas sim se ocupa continuamente com esse ser humano em sua totalidade (...). (2003, p.39).

Considerando a especificidade do problema abordado, entendemos que o professor precisa estar munido de um material orientador que consiga deixá-lo ciente dos procedimentos mais relevantes para superar os problemas apontados, por isso a importância de desenvolver um produto educacional orientador sobre metodologia dialógica, baseado em pesquisas e experiências desenvolvidas na educação básica.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Discussões acerca do projeto educativo que inclui o ensino de filosofia é urgente. Muitas pesquisas vêm sendo elaboradas, tais como a de Silvio Gallo na obra *Metodologia do Ensino de Filosofia* (2014). Dissertações dos mestrados profissionais tem contribuído, como é o caso de Milla Tamires Amorim Pereira, que dissertou sobre *A dialogicidade no ensino de filosofia: a resignificação do diálogo pedagógico pela lógica*. (UFMA – Turma 2017-2019) e Francisco Cleano Lima Melo que discorreu sobre *Metodologia do ensino da filosofia no ensino médio, na perspectiva da maiêutica socrática* (UFC – Turma 2017-2019). Entretanto, o foco em uma aprendizagem filosófica sustentada no diálogo enquanto metodologia, poucos autores vêm se dedicando a propor enquanto processo crítico.

Mas o debate acerca da importância do diálogo e a oralidade é frequente desde a Antiguidade. Na Academia de Platão, o colóquio era exercido em suas diversas modalidades, pois, segundo ele, sua teoria estava presente sob o teto de sua Academia, ou seja, no seu ensinamento oral esotérico. Na Grécia Clássica (séc. V a.C.), é possível perceber a importância da retórica e da discussão na Ágora, na qual os cidadãos se reuniam para tratar sobre as questões relacionadas à Pólis, no contexto da democracia ateniense. Nesse caso, ressaltamos a contribuição de Sócrates que desenvolveu um método² com base em sua descoberta acerca da essência do homem. O objetivo dele com a maiêutica era propiciar às pessoas a descoberta nelas mesmas do conhecimento, pois ele entendia que esse é inerente à alma³, e só o que vem da alma é capaz de revelar a verdade, atribuindo ao filósofo a tarefa de conduzir as pessoas a chegar à episteme através da razão.

A ironia do método socrático consiste em mostrar ao interlocutor a insuficiência de suas respostas. O que Sócrates fazia era conduzir através de suas indagações o interlocutor à contradição, tendo como objetivo demonstrar que o conhecimento do sujeito era limitado. E que as respostas são decorrentes de conceitos pré-estabelecidos e não definições e conceitos fundamentados na razão. Subsequente, o filósofo ateniense conduzia o interlocutor ao conhecimento e à verdade, através da discussão e de seu próprio raciocínio, no caso, por ele mesmo e não por verdade simplesmente afirmada. A esse desenvolvimento ele chamou de maiêutica⁴.

A oralidade suscita a troca dialógica que se efetiva, assume amplitude e, conseqüentemente, passa a ter função social. Séculos depois, em sentido análogo, Paulo Freire chama atenção para o mesmo tema "Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão" (1987, p. 44). O diálogo ultrapassa um simples encontro de pessoas que

2. "A dialética Socrática funda-se em dois momentos. 1) Ironia: momento crítico-negativo, no qual as opiniões e os preconceitos do interlocutor são submetidos à crítica através do confronto do seu presumido saber. 2) Maiêutica: momento construtivo-positivo no qual o interlocutor é conduzido a adquirir consciência da verdade que ele traz em si sem saber, enquanto a verdade não pode ser dada "de fora" ao homem, mas brota da sua consciência, onde já é virtualmente". (CAROTENUTO, 2009, p.18).

3. O mito de Er relatado na República explica como o conhecimento está disposto na alma de forma imortal. (A REPÚBLICA, livro X, 614a-621d)

4. Criado por Sócrates no século IV A.C, a Maiêutica é um método inspirado na profissão de Fenáreta, parteira e mãe do filósofo, que implica no diálogo feito através de múltiplas perguntas com objetivo de dar à luz a uma verdade, um conceito, uma definição geral do objeto em questão. (SANTOS, 2011, p. 7)

conversam e trocam ideias, pois viabiliza a compreensão, o acolhimento do outro e essas características se distinguem do ato de debater, no caso, antagônicos à prática dialógica, pois no debate busca-se convencer, demarcar posições, defender ideias, persuadir e confrontar. O diálogo configura-se pela cooperação e compartilhamento de ideias, além do aspecto questionador que emerge da pluralidade de pensamentos diversos. Por conseguinte, visa estabelecer relações em face das questões abertas. Essa exigente proposta de diálogo como criticidade é fundamental para superar o seu sentido banal como conversa.

Para sua efetivação é imprescindível que as pessoas percebam que são conhecedoras de saberes e que estes são díspares e valiosos. Freire (1987) ressalta que há saberes diferentes, nenhum melhor que outro, todos essenciais para a interação no mundo, já que nos educamos no convívio com as outras pessoas, compartilhando saberes e cada pessoa é mestre no que faz. A humildade conduz a este reconhecimento, que faz das pessoas aprendizes de outros saberes.

A autossuficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não têm humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que em comunhão, buscam saber mais. (FREIRE, 1987, p. 46)

Não podemos, no ato dialógico, temer a aproximação com o outro, pois é só em contato direto com a alteridade que o diálogo se desenvolve. No entanto, a atitude de aproximação se torna inviável em face da existência de bloqueios, assim como a ausência das expressões de sentimentos como o cuidado e a amorosidade, que implicam na visão do outro como semelhante. O estímulo ao sentimento de separação do eu e do outro, ou seja, do individualismo em detrimento da coletividade, também configura o conjunto de bloqueios que impossibilita o contato entre as pessoas e precisa ser debatido e investigado.

A educação no Brasil retoma esses princípios da alteridade na tentativa de superar os desafios impostos desde a colonização portuguesa. Desde então, houve muitas mudanças ao longo dos séculos e foram sendo realizadas com o intento de atender às demandas da

sociedade no âmbito político e econômico. Atualmente, nos deparamos com a proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que propõe:

selecionar e aplicar metodologias e estratégias didático-pedagógicas diversificadas, recorrendo a ritmos diferenciados e a conteúdos complementares, se necessário, para trabalhar com as necessidades de diferentes grupos de alunos, suas famílias e cultura de origem, suas comunidades, seus grupos de socialização etc." (BNCC p. 17)

A Base Nacional Comum Curricular pressupõe ações pedagógicas que atendam aos desafios propostos à formação humana, e mesmo com todas as suas limitações e problemas a serem cuidadosamente analisados, tende a atender algumas especificidades do contexto social, de modo que promovam "a não violência e o diálogo, possibilitando a manifestação de opiniões e pontos de vista diferentes, divergentes ou conflitantes" (BNCC, p. 465). Sendo assim, é necessário o desenvolvimento de metodologias que viabilizem a realização dos objetivos previstos no ensino e estejam em consonância com as particularidades de cada área, no nosso caso as Ciências Humanas.

Além de promover essas aprendizagens no Ensino Médio, a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas tem ainda o grande desafio de desenvolver a capacidade dos estudantes de estabelecer diálogos entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas. Para tanto, propõe habilidades para que os estudantes possam ter o domínio de conceitos e metodologias próprios dessa área. As operações de identificação, seleção, organização, comparação, análise, interpretação e compreensão de um dado objeto de conhecimento são procedimentos responsáveis pela construção e desconstrução dos significados do que foi selecionado, organizado e conceituado por um determinado sujeito ou grupo social, inserido em um tempo, um lugar e uma circunstância específicos. De posse desses instrumentos, os jovens constroem hipóteses e elaboram argumentos com base na seleção e na sistematização de dados, obtidos em fontes confiáveis e sólidas. A elaboração de uma hipótese é o primeiro passo para o diálogo, que pressupõe sempre o direito ao contraditório. É por meio do diálogo que os estudantes ampliam sua percepção crítica tanto em relação à produção científica quanto às informações que circulam nas mídias, colocando em prática a dúvida sistemática, elemento essencial para o aprimoramento da conduta humana." (BNCC, P. 548)

Entendemos assim que a BNCC traz importantes

discussões que coadunam com uma metodologia dialógica, fortalecendo a teoria e prática de novas formas de aprendizagem ligadas às competências e habilidades que muito interessam aos profissionais de filosofia, principalmente diante desse momento de implementação do novo ensino médio, em que precisamos estar também atentos de modo crítico a respeito das mudanças acarretadas ao cenário educativo e seus efeitos no ensino de filosofia.

3. METODOLOGIA

A base metodológica da presente pesquisa também está assentada na dialética a partir da análise da realidade e seus movimentos e contradições, que expõem assim, de forma crítica, os elementos que trazemos ao longo do texto, tanto de forma teórica quanto a parte de implementação da prática e seus resultados na forma do produto educacional.

Considerando o processo de pesquisa, o desenvolvimento do estudo proposto parte de pesquisa bibliográfica com aprofundamento nas referências bibliográficas da área, revisão de literatura das obras Teeteto, República, Fédon, Fedro, Apologia de Sócrates e, sobretudo, investigação das metodologias dialógicas, com ênfase nos conceitos de maiêutica de Sócrates e conhecimento em Platão, além de pesquisa sobre o conceito de diálogo de Paulo Freire e análise crítica da Base Nacional Comum Curricular – BNCC.

A prática da pesquisa consiste na implementação e análise de metodologia dialógica no âmbito escolar, que se desenvolverá através de Oficinas de Diálogos Filosóficos. Estas oficinas serão propostas aos estudantes de três turmas, cada uma correspondente a uma série do ensino médio (1ª, 2ª e 3ª série), partindo do pressuposto que a interação entre os estudantes seja influenciada pela série que ocupam e, conseqüentemente, reflita no desempenho dialógico.

O desenvolvimento da oficina ocorre em etapas, sendo a primeira etapa de introdução às atividades dinâmicas e interativas na perspectiva crítico reflexiva, que pode ocorrer com exibição de filmes e apresentação de músicas. A etapa seguinte prevê a formação de grupos, considerando a série que os estudantes cursam e o quantitativo de cerca de quarenta discentes em cada turma, estimando um total de cento e vinte envolvidos.

Desse modo, os grupos subdivididos serão compostos por oito estudantes.

Os estudantes, em grupos, serão motivados a dialogar sobre a temática proposta no filme, por exemplo, a partir das problemáticas suscitadas, podendo ser formada mesa redonda e debates. Considerando o diálogo desenvolvido, deverá ser produzido por cada grupo um material de apresentação dos principais tópicos enfatizados no diálogo. A apresentação deverá ser de forma oral, com cunho argumentativo e dialético e socializado com todos os estudantes envolvidos na oficina e sob a mediação da professora. Após a culminância da oficina, será proposto, aos discentes, leitura de textos e obras de filósofos e filósofas que discorrem sobre o assunto abordado em diálogo.

A avaliação quali-quantitativa de desempenho dos estudantes será realizada de modo processual, ao longo da Oficina de Diálogos Filosóficos, considerando a proatividade, engajamento e coerência do discurso proferido pelos discentes. Além disso, os estudantes deverão responder a um formulário apresentado através do Google Forms com questões que versam sobre a metodologia aplicada. A partir das avaliações executadas, será realizada a análise crítica dos dados coletados e alcançados. Posteriormente, serão apresentados, no material elaborado, como produto educacional que comporá a dissertação, requisito obrigatório para conclusão do Mestrado Profissional em Filosofia – Prof-Filo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizada a fase de investigação e pesquisa sobre metodologias ativas e analisado o processo, produziremos material de orientação para os professores implementarem a prática dialógica para o ensino de filosofia na educação básica. Tal produto pretende ser um conjunto de orientações didático-pedagógicas articuladas entre si, com o intento de implementar a dialógica no processo de ensino e aprendizagem.

O produto possui como elemento diferencial o fato de ser adaptável às necessidades dos docentes, ao contexto dos estudantes e no qual cada escola, em particular, está inserida. Por ser um material de orientação sobre método dialógico para o ensino de

filosofia, não se destina a uma série específica e nem possui um sequenciamento obrigatório, mas sim orienta para que o professor esteja munido de estratégias para aplicar a metodologia, seja qual for o assunto filosófico abordado.

Destacamos que não se trata de fazer uma versão compacta nem tampouco uma transposição didática da tradição filosófica acerca do diálogo, é a oportunidade de criar um campo de interação que atenda às necessidades do ensino de filosofia e que possa ter valor

social frente aos desafios da atualidade. Sendo assim, o desenvolvimento do material corresponde às especificidades do método filosófico, o que contribui de forma significativa e eficiente para a formação e, principalmente, para a prática docente e desempenho dos discentes nas aulas de filosofia. Esse material orientador constará como parte importante da dissertação e poderá, posteriormente, ser ofertado no formato que melhor convier à comunidade de professores de filosofia.

6. REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Brasília: MEC, 2006.

----- **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

CAROTENUTO, Margherita. **Histórico sobre as teorias do conhecimento**. Recanto Maestro: Ontopsicologia Editrice, 2009.

BUBER, Martin. **¿Que es el hombre?**. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.

----- (2003). El camino del ser humano y otros escritos. (C. Díaz, Trad.). Madrid: Fundación Emmanuel Mounier. (Original publicado em 1936).

FERREIRA, José Humberto. **Diálogo sobre o ensino de filosofia no ensino médio**. Cadernos Cajuína, V. 2, N. 2, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALLO, Silvio.; KOHAN, W. **Filosofia no ensino médio**. Petrópolis: Vozes, 2000.

----- **Metodologia do Ensino de Filosofia**. Editora: Papyrus, 2014.

----- Prefácio in: **Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

PLATÃO. **A República**. 7. ed. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

SANTOS, Celia. **Maiêutica** – Por uma prática de transformação do jornalista midiaticado. Por uma prática de transformação do jornalista midiaticado. TCC (Especialização em gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, Mídia, Informação e Cultura) - CELACC/Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://celacc.eca.usp.br/pt-br/celacc-tcc/322/detalhe>. Acesso em 28 out. 2022